



Silenciamento e Ausências na Contabilidade – Como o Entrelaçamento de Relações acolhem a nossa Permanência no Ambiente Acadêmico nos possibilitando Voz e Resistência?

JANAÍNA RUTE DA SILVA DOURADO

Universidade de São Paulo - USP

Resumo

A presente proposta busca tratar do aprofundamento das relações de ausências e silenciamentos no ambiente acadêmico. É parte de uma tradição de pesquisas que traz abordagens qualitativas relacionadas à área de contabilidade, em que se entrelaçam gênero, classe social, sexualidade e raça. Essas abordagens levam a caminhar para as teorias interseccionais, colocando em consideração as ausências e os silenciamentos causados no ambiente acadêmico que trouxeram reflexões sobre os entrelaçamentos de vivências e de vidas que poderiam contar novas histórias e, juntas, alcançarem outras possibilidades. Demonstram, assim, alta capacidade de incorporar conhecimentos. Nosso argumento é que ao construir espaços de acolhimento e de escuta, permite-se a construção de uma Universidade mais ampla, diversa e sustentável, alinhada com os desafios sociais e questionamentos que estão colocados para as instituições de ensino superior.

Palavras-chave: Interseccionalidade. Autoetnografia. Silenciamento. Ausências. Voz.

1. Contexto da pesquisa

A proposta de trabalho é apresentar uma autoetnografia, uma pesquisa de cunho qualitativo, com o objetivo de compreender e registrar as experiências, permanências e silenciamentos no ambiente acadêmico. Vale ressaltar que, naturalmente, quando apresentamos uma proposta de pesquisa para o ambiente de negócios, naturalmente associamos com a perspectiva de pesquisa quantitativa. Assim, é importante destacar contextos e termos que possam alinhar esta autoetnografia.

Portanto, a partir da interseccionalidade, pelo percurso histórico que, a partir dos relatos, esta autoetnografia traz experiências no campo acadêmico e organizacional. Conforme Akotirene (2018), a interseccionalidade, enquanto ferramenta teórica e metodológica, nos permite enxergar a colisão das estruturas de classe, gênero e raça. Nesta interação, apresentam-se as avenidas identitárias, que leva aos atravessamentos existentes, pois não é possível desconectar tais estruturas. De acordo com Akotirene (2018), essas são consideradas encruzilhadas metodológicas.

Essas estruturas de classe, raça e gênero, perpassam pela nossa existência. Este impacto é percebido em algum momento para as pessoas que fazem parte dos grupos não hegemônicos. Atravessamento, segundo o dicionário significa Houaiss (2001), trata de;

a) Atravessamento: Ato ou efeito de atravessar, travessia, traspassamento.



São Paulo 27 a 29 de julho 2022.

b) Atravessar: 1. Dispor(-se) transversalmente a (algo); posicionar (-se) no sentido da largura de (algo); 2. ir ou passar para outro lado de (algo), por cima ou através de; 3. Percorrer de ponta a ponta, de lado a lado, de extremidade a extremidade; cortar, cruzar, transpor; 4. Penetrar, perfurar; 5. Durar, prolongar-se; 6. Passar, sofrer, vivenciar, experimentar.

O sentido de atravessamento não está relacionado, necessariamente, ou tem o sentido de caminhar de um lado para outro, ou percorrer um lugar de uma ponta a outra. Mas que, pelo caminho percorrido durante a minha existência, em que carrego e deixo por onde realizo o meu percurso, experiências, marcas, possibilidades e conexões. Pelos inúmeros atravessamentos que vivenciamos durante o nosso percurso nas atividades que desempenhamos em sociedade e, principalmente, por fazermos parte dos grupos não hegemônicos.

Dessa forma, inúmeras experiências vividas passam a atravessar e nos levam a perceber ainda que muitas destas experiências foram silenciadas. Este silenciamento foi percebido apenas na continuidade do percurso da minha carreira. Relacionam-se com a falta de possibilidade de escolha, aceitar o que estava disponível para seguir com todas as limitações e impedimentos.

Para o silenciamento, é considerado um significado possível, ou mesmo transcrever em palavras que possibilitem compreender, (...) “o termo silenciamento não para uma simples pausa entre uma questão e outra, em que é preciso organizar o pensamento, mas sim para um movimento em que o calar é imposto, ou pelo outro ou a si mesmo.” (AMARAL, 2013, p. 16).

Por outro lado, na escuta ativa, que está pautada na compreensão efetiva pelo que a outra pessoa está falando, ou mesmo, a sua permanência em um ambiente, já que atravessamos inúmeros ambientes sociais, que possuem suas próprias características de sobrevivência. Com este processo de escuta, as pessoas envolvidas são acolhidas pelo entendimento da sua participação ativa com nome, como gostaria de ser chamado, endereçamento e respeitado pelas suas escolhas. A escuta ativa traz a consciência e percepção do acolhimento, percepção de conquistas realizadas, pontes e relações firmadas, confiança, que permitem e possibilitam a permanência e o pertencimento aos espaços que, anteriormente, não faziam parte do convívio e da própria vida.

A metodologia realizada para construção das trajetórias entrelaçadas perpassa por considerar pessoas que se relacionaram com a autora desta autoetnografia, e percorreram caminhos em que foram silenciadas por algum atravessamento sofrido pela interseccionalidade entre gênero, raça e classe social.

A busca é por estabelecer relações, para colaborar com o aprofundamento da pesquisa, construindo uma Universidade que dê voz, viabilizando a inserção e a permanência de pessoas na área contábil e de pesquisa, entrelaçando as trajetórias que possibilitaram o prosseguimento e resistência nestes locais de destaque acadêmico, ou mesmo, andamento e inserção possibilitando voz e resistência mesmo com inúmeros atravessamentos.

1.1. Minha trajetória em um exercício de posicionalidade e reflexividade

Lembro-me agora de momentos que nunca poderia ter imaginado: que um dia eu poderia me relacionar com pessoas que possuem tanto conhecimento e acesso à informação. Nem nos meus melhores dias, pensei que eu estaria convivendo com essas pessoas.



São Paulo 27 a 29 de julho 2022.

Para dar início a minha história dentro dos ambientes pelos quais eu passei viabilizando relações e tentando compreender o meu papel dentro delas, mesmo sendo no ambiente institucional corporativo ou mesmo acadêmico.

Destaco quem vem antes, e quem muito antes da minha chegada neste mundo, que as experiências e vidas vividas por eles e elas me trazem intimamente o que quero reconstruir, em alguns momentos como uma dívida histórica, e em outros momentos para extrapolar, para levá-los a locais que nunca imaginávamos que poderíamos chegar neste tempo.

Os antepassados do meu lado materno tiveram escravos em sua posse e ocorreram episódios terríveis que se incorporam à minha ancestralidade, com este momento assustador da história, que carrega inúmeras feridas sociais e que até hoje atravessam a minha vida, como uma dívida que tenho, algo que está profundamente ligado ao que eu faço, registro do meu privilégio de ser branca, mesmo com todas as dificuldades que passei.

Os antepassados do meu lado paterno, ainda em aprofundamento, eram mais simples e retirantes das terras na divisa entre Minas Gerais e Bahia, tinham uma vida dura em que a morte perambulava facilmente com algumas doenças, muitas delas que uma vacina já resolvia, mas que não existem no local, que era extremamente carente.

As terras onde hoje se situa o Município de Carmo da Mata não possuíam habitantes permanentes, sabendo-se apenas que o local abrigou em algumas oportunidades, elementos indesejáveis que fugiam à justiça da época, além de quilombos formados por negros fugidos das fazendas ao redor.

Carmo da Mata foi, no século XVII, a região por onde transitavam, obrigatoriamente, aqueles que se dirigiam a Goiás, pela antiga Picada de Goiás, que indicava o caminho do oeste aos bandeirantes. Por volta de 1753, Inácio Afonso Bragança por ali passou e de tal forma seduziu-lhe a região, que se decidiu nela instalar--se. A terra era fértil, banhada pelo rio Boa Vista, com campinas imensas e matas colossais. O clima, a água abundante e sobretudo a ótima qualidade do solo, tornavam a região o sítio ideal para uma sesmaria.

O primeiro nome dado ao lugar foi Boa Vista, posteriormente trocado para Mata da Boa Vista, com o objetivo de diferenciar o lugar do Rio. Inácio Afonso Bragança para lá se transferiu, tendo de imediato requerido a concessão da sesmaria. Como demorasse o despacho de seu requerimento, sua esposa fez uma promessa a Nossa Senhora do Carmo, a qual foi cumprida quando, em 16 de julho de 1754, veio o despacho desejado. A antiga Boa Vista, contando com uma capelinha em honra à Virgem do Carmo, passaria a chamar-se Ermida da Mata da Senhora do Carmo, posteriormente abreviado para Mata do Carmo.

A origem do topônimo é uma homenagem à santa padroeira, Nossa Senhora do Carmo, e uma alusão às matas existentes no município. (IBGE, 2017, p.1)

Meus pais se encontram em uma cidade, que como está no meio do nada, ainda assim para eles significava a importância de tudo. Minha mãe havia sofrido muitas perdas, um irmão que havia falecido, falecimento de meu avô e a perda da casa que tinham, que foi vendida para pagar dívidas intermináveis, já que meu avô era o único que trabalhava e ele ficou de cama com câncer por dois intermináveis anos. Com as perdas, ainda teve um relacionamento que agora ela percebe que foi imensamente abusivo.

E, depois de todas essas perdas, encontrar meu pai, um viajante na bagagem, muitas histórias, com muitas promessas, muitos abraços, muitas conquistas e uma vida nova, na capital do trabalho, naquele Brasil, e para o mundo do meu pai. Para a minha mãe o príncipe encantado no cavalo branco a tinha encontrado.



São Paulo 27 a 29 de julho 2022.

Vieram para São Paulo com a roupa do corpo, sem absolutamente nada, “moravam de favor” como minha mãe sempre fala, mas meu pai fazia as compras do mês e minha mãe era empregada da casa. Homens se insinuavam para ela, uma mulher linda e recém-chegada do interior, de algum lugar, e eles que riam sobre isso também.

Essa é a história que recebi em toda a infância, inclusive, meu pai que trabalhava à noite, via pessoas sendo presas e desaparecidas na Ditadura Civil-Militar. Essas histórias me atravessam e ainda, conforme escrevo e lembro, registro um filme em minha memória, pois elas ganham uma riqueza de detalhes, quando eu estou procurando descrevê-las da melhor forma, de tudo que me atravessa, e todo o sentido, de ser quem sou hoje.

Após esta estadia, nesta casa horrível, e de um período extremamente difícil, meus pais se mudaram para a Zona Leste, um local em que era possível alugar casas mais baratas. Moramos em uma ocupação, que hoje compreendo que meu pai quando ele dizia que “não invadiu” nada. Estava em uma ocupação e foi vendida e paga em longos anos, de prestações infinitas. Com pouco estudo, meu pai não sabia que tudo foi forjado. E teríamos que mudar novamente, e mais uma vez, continuamente.

Minha vida, até aquele momento, era estudar em uma escola, para a qual a minha mãe, a vizinha ou alguém pudesse me levar e buscar. Via a necessidade diária de trabalhar. Depois de muito custo, consegui com 11 anos começar a trabalhar e continuar a estudar. Isso eu percebia ser a única alternativa para eu conseguir o melhor para meus pais e meus irmãos.

Eu não sabia que caminho seguir quando eu terminei o segundo grau. Após dois anos sem ter um rumo definido, eu descobri um cursinho pré-vestibular que me auxiliou no percurso para a graduação. Esse processo foi doloroso e angustiante, não me reconhecia nas pessoas, precisava continuar a contribuir com a subsistência de ajudar em casa.

Mesmo assim, com essa dificuldade inicial, tudo foi ganhando forma à medida que eu percebia o meu lugar, em que eu crescia em minha carreira, e também na prática de ensinar e de ajudar.

A concorrência não me chamava atenção. Eu sempre soube que gostaria de ajudar, em tudo que fizesse sentido. As dores e alegrias de refletir a continuidade de carreira, começar família, ingressar na docência e de poder contribuir com as mudanças no processo de ensino, de estar na contabilidade, de me reconhecer que muitos lugares em que estive, que entendo estavam mais talvez relacionados mais com a minha imagem, uma mulher branca, de olhos verdes, cabelos claros, do que somente com a minha competência e com minha determinação. Sim, realmente foi assustador quando comecei a compreender e a sentir isso.

No ambiente corporativo, desenvolvi minha carreira em muitas empresas multinacionais na área contábil, empresas de destaque, em que aprendi muito, e sou grata. As vagas eram as mais concorridas e com a percepção de que poucas mulheres estavam em cargos de decisão ou gerindo grupos de trabalho de destaque. Ocorria um incômodo de permanência e a angústia, na continuidade, de ser um círculo contínuo, e das ausências destes profissionais que gostariam de serem ouvidos, mesmo sem saber.

1.2. Minha trajetória acadêmica: ausências e silenciamentos; vozes e escuta

Esse processo de incômodo e, muitas vezes, de indignação, levou-me a buscar aprofundamento teórico. Assim, decidi ingressar na academia. Foram necessários alguns anos para compreender o processo de acesso, como funcionava cada uma das fases do processo seletivo, o que era o projeto de pesquisa e qual era a quantidade de documentos para submeter.



São Paulo 27 a 29 de julho 2022.

O próprio projeto de pesquisa, e suas particularidades, em que a maioria das fontes estão dispersas e são construídas com um vocabulário específico, ao qual me adaptei, estudei, e, de forma determinada, incorporava aquele que ainda parecia um mundo paralelo.

Após inúmeras tentativas sem sucesso, e alguns episódios em que senti que, como eu não tinha uma linhagem acadêmica, eu não poderia estar naquele ambiente, permaneci resistindo, independentemente de todos os “nãos” que recebia. Eu tentei inúmeras vezes o processo de mestrado, em programas diferentes, realizando o teste do ANPAD (Associação Nacional dos Programas de pós-graduação em Administração) até atingir a pontuação necessária.

O distanciamento do mundo corporativo, ou das empresas para as quais eu prestava serviço, era necessário para o aprofundamento nos estudos. Causava-me um estranhamento porque eu sempre trabalhei e o meu salário era consideravelmente alto. Entretanto, eu continuaria lecionando, apesar de que o valor da minha hora-aula era baixíssimo. Assim, perambulavam em mim alguns sentimentos de angústias: eu precisava continuar recebendo algum dinheiro, para garantir o mínimo de sobrevivência no mestrado.

Eu acessei com dificuldade, sem direcionamentos, o mestrado. Aprofundava a leitura de forma desesperada, já que sentia estar distante e sem argumentos durante as discussões e embasamentos teóricos nas discussões em sala de aula. Entreguei em 24 meses a minha dissertação, com muita luta e determinação, com alguns artigos publicados, um artigo aceito para apresentação no EnAnpad e um capítulo de livro¹.

Minha dissertação tratou do índice de sustentabilidade empresarial (ISE), da B3, como melhor indicador de avaliação para inúmeras formas de aplicação no mercado financeiro. Articulei dentro da B3 a modificação e a apresentação destes índices para os investidores.

Para prosseguimento à minha vida acadêmica, passei por todo o processo seletivo novamente e, ao mesmo tempo, para obter algum recurso, eu voltei ao mundo corporativo, para realizar um projeto que duraria 8 meses, que eu executei em 28 dias. Esse projeto possibilitou o respiro financeiro de alguns meses.

Após a organização da aprovação para cursar o Doutorado, surgiram novos desafios e uma série de demandas contínuas e diárias. Finalmente, tive todos os créditos realizados². Submeti alguns artigos no EnAnpad, um sobre Retórica e, em parceria, comecei a adentrar em pesquisas sobre gênero, raça e sexualidade. Participei de vários congressos. Em um deles, muito significativo, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), fomos premiadas com o prêmio de melhor artigo com o trabalho “O papel da Sociedade e o Compromisso do Governo na Promoção das Políticas Públicas para a Igualdade Racial no Brasil - Relato de Experiência na Vida Acadêmica”. E com envio de troféu em nome da organização. Tive, ainda, esse artigo publicado em um caderno temático especial.

Assim, foram várias publicações e trabalhos realizados em parceria com essa pesquisadora que vou detalhar na seção sobre os encontros ocorridos mais à frente, encontros que me trouxeram a reflexão sobre os silenciamentos e as ausências. Defendi minha tese com muita resistência, dor e ajuda de muitos amigos e amigas, logo após a partida do meu pai.

Desde a defesa, trabalhei orientando trabalhos. Direcionei pessoas que me procuravam para conselhos sobre seguir os estudos acadêmicos ou mesmo aconselhamentos para inserção ao mundo corporativo. Sigo trabalhando as reescritas e os entrelaçamentos que trazem o

¹ Com título de *Social Entrepreneurship as a Catalyst for Social Change - Social Entrepreneurship in Brazil: The Childs Pastoral Project*.

² Fiz em programas de outras áreas de conhecimento, como Ciências Sociais, Economia, e Semiótica. Também realizei o dobro de créditos necessários para obter o título.



São Paulo 27 a 29 de julho 2022.

impacto que as minhas atividades impactam, com alguns silenciamentos, escuta, acolhimentos, conquistas e realizações.

2. Encaminhamentos da pesquisa

No Centro Paula Souza (CPS), durante os 12 anos de trabalho contínuo, minha participação está subdividida em várias áreas, além da sala de aula, como: coordenação de curso, orientadora educacional, qualificação para coordenação pedagógica e direção de unidade de ensino, contato com muitos alunos e professores. Essa atuação vem com histórias de visibilidades e, muitas vezes, oportunizando espaços que não conheciam.

Atualmente, com a experiência acadêmica, foi possível chegar à área de coordenação do nível superior tecnológico, fazer parte de algumas comissões de trabalho, e participar ativamente na formação de docentes e discentes. É importante destacar que as articulações ocorridas viabilizaram voz e acesso a novas possibilidades e acompanhamentos da inserção de docentes à pesquisa e formação contínua, acessar novos campos do conhecimento, e registrar as atividades acadêmicas que fazem com brilhantismo. Assim foi possível viabilizar processos e ampliar as oportunidades de carreira acadêmica para mim e para outras pessoas.

2.1. Acessos e (re)encontros

Permaneci resistente, elaborando pesquisas e atividades que tratam do tema da interseccionalidade e me aprofundando em atividades que tratam de equidade de gênero e dos objetivos do desenvolvimento sustentável, além de oportunizar novas dinâmicas e possibilidades em sala de aula, com aprofundamentos que ocorrem na área contábil.

A perspectiva na seção seguinte é relatar o entrelaçamento das possibilidades encontradas em minha carreira docente e como pesquisadora, em identificações de silenciamentos e de ausências e de processos de possibilitar e oportunizar o protagonismo e a voz.

2.1.1. Histórias 1 e 2 – Alunas (os, es) e ex-alunas (os, es)

O ato de lecionar consiste em contribuir com o processo de ensino e aprendizagem, dentro dos componentes curriculares apresentados no curso. Assim, as relações alunos(as/es) – professor(a) se conectam. O processo é contínuo e precisa de escuta e de tempo, já que alunos(as/es), infelizmente, que acessam ou se inserem no Centro Paula Souza, normalmente, estão em regiões afastadas e com acesso reduzido às informações e oportunidades, e assim possuem maiores dificuldades. Os primeiros processos de acolhimento são enfatizar que é possível, de que vão conseguir terminar o curso técnico ou tecnológico, e que poderão ser e fazer o que quiserem, na continuidade dos estudos e da carreira.

Dessa forma, mesmo com inúmeras possibilidades de endereçamento, duas histórias foram possíveis como registro, com a autorização de uso dos nomes, que são as histórias que conto a seguir.

Raquel Conceição possuía, segundo familiares, alguns problemas que a impediam de dar continuidade aos estudos e, mesmo assim, passou em Matemática no Instituto Federal em Sombrio. Inclusive, ela me chamou para uma palestra na instituição, para que eu pudesse dar a minha colaboração com a formação daqueles estudantes que se formariam como docentes. A Raquel passou por vários problemas de racismo estrutural e estruturante e de racismo recreativo.



São Paulo 27 a 29 de julho 2022.

Na Universidade só existia ela de estudante negra e já estava encerrando uma pós-graduação *lato sensu* pela própria Universidade. Hoje, ela leciona Música, faz shows passou a ser reconhecida como cantora e professor de Matemática. Se ela continuasse onde morava, penso que, se não estivesse morta por uma bala perdida ou algum tipo de doença, teria tido filhos ainda na adolescência.

Não longe desse contexto, e além do mais bem próximo, inclusive geograficamente, **Mikaelen Brito** foi uma aluna minha também. Era, inclusive, desta mesma turma. Elas enfrentaram inúmeras dificuldades quanto à percepção de acesso. Mikaelen é ex-aluna da PUC-SP em Ciências Contábeis. Foi auditora sênior da PWC. Colaborou com várias atividades dentro da empresa, em ações e em iniciativas na luta contra o racismo. Sofreu e passou por alguns problemas. Precisou se distanciar deste processo de luta e, agora, em uma recolocação, passou pela Deloitte e está em um banco digital, onde passa por inúmeros desafios para permanecer.

O que as duas têm em comum? São mulheres negras que lutam diariamente para ter acesso e para conseguir permanecer em espaços que não foram pensados para elas. Para que elas não precisem mais lutar e para que seja possível a sua permanência e de outras mulheres negras, é preciso construir um espaço de acolhimento em que conquistem a possibilidade de ter voz e vez.

Acompanhei e acompanho as suas trajetórias desde quando elas não sabiam de todas as alternativas que existiam, desde quando duvidavam que era possível, já que algumas oportunidades lhes são retiradas pela postura racista diária da branquitude. Realmente, é assustador. É uma situação caótica.

2.1.2. **História 3 – Pesquisadora**

A pesquisa é algo que sempre busquei como meta dentro do trabalho acadêmico. E este sonho saiu do papel quando encontrei a possibilidade de trabalhar com uma pesquisadora que já trabalhava com gênero, raça e sexualidade. De fato, ela me ensinou muito e tive a oportunidade de ouvi-la, de colocarmos no papel e submetermos para Congressos em que, inclusive, fomos premiadas.

Os artigos fundamentais para o estudo do tema, seguem sendo articulados por pessoas que sofrem e sentiram na pele a falta de acesso. Foram incontáveis reuniões, pesquisas, aprofundamentos, apresentações e congressos. Ela me ensinou muito e me inseriu em inúmeros debates. (Barbosa, Dourado, 2019)

No entanto, ela mesma tentou por cinco semestres ingressar no Doutorado na UFABC. Fez inúmeras disciplinas eletivas. Mas, não foi aceita. O que ocorreu efetivamente foi esse último episódio em que ela simplesmente largou tudo: me enviou todos os livros e não quer mais escrever ou falar sobre as questões acadêmicas. De minha parte, estarei aguardando o tempo que for necessário para conseguir (re)encontrá-la e dizer o quanto é importante e fundamental a sua presença na academia.

2.1.3. **História 4 – A pesquisa no ambiente institucional - Centro Paula Souza**

No Centro Paula Souza (CPS), durante os 12 anos de trabalho contínuo, minhas funções estão subdivididas em várias áreas. Com toda a minha vida acadêmica foi possível chegar na coordenação do nível superior tecnológico, fazer parte de algumas comissões de trabalho, e participar ativamente na formação de docentes e discentes. É importante destacar que as articulações ocorridas viabilizaram a voz e o acesso a novas possibilidades de



São Paulo 27 a 29 de julho 2022.

acompanhamentos de inserção de docentes à pesquisa e à atividades de formação contínua, acessar novos campos do conhecimento e registrar as atividades acadêmicas esses docentes fazem com brilhantismo, mas, que muitas vezes não se apercebem. Assim, foi possível viabilizar o processo e ampliar as oportunidades de carreira acadêmica para algumas pessoas.

2.1.4. **História 5 – Lecionar na Uneafro**

Oportunizar conhecimento e troca no ambiente dos cursinhos preparatórios para o exame pré-vestibular e para o Enem é um trabalho voluntário que possibilita articular outros campos de acesso e viabilizar a chegada de mais pessoas no ambiente universitário, tanto de alunos quanto de professores que trabalham conosco. Aqui, meu objetivo com essa pesquisa é que possam contar a sua própria história, com seus anseios e, dando-lhes protagonismo, registrar o tamanho da resistência que possuem.

Assim, as relações e configurações das histórias oportunizaram a participação, o acesso e a voz, articulando com discentes, docentes, ex-alunos, e possibilitando o protagonismo, enquanto também apresentam possibilidades de escolhas e acolhimento no ambiente acadêmico.

2.1.5. **História 6 – Encontros e caminhos cruzados**

A primeira oportunidade de me encontrar com pessoas que eu conseguia ter como referência aconteceu em um Consórcio Doutoral na Universidade de São Paulo, no Congresso USP de Contabilidade. Fui participar da sessão de apresentação porque o título da apresentação me chamou atenção. Quando eu chego na sala, ela já estava muito cheia, mais do que nas outras sessões de apresentação que eu havia participado naquele congresso. Automaticamente percebo que na frente da classe, para iniciar a sua explanação estava uma mulher negra, e sentada ao lado uma mulher branca. Fiquei feliz e ao mesmo tempo entusiasmada, mesmo sem saber exatamente o que significava um consórcio doutoral. Mas, eu senti que ali, naquele ambiente, eu poderia conversar com pessoas em quem eu conseguia me ver, me espelhar. Cada palavra dita, ou cada uma das respostas proferidas por elas, me impactaram profundamente.

Desesperadamente eu peguei o livreto do Congresso para gravar os nomes, que desde aquele momento sabia significaram muito para mim. A partir daquele momento, eu passei a (me) (re) conhecer (nas) Silvia Pereira de Castro Casa Nova e Sandra Maria Cerqueira Silva.

2.1.6. **História 7 – Gender, Work and Organization/FGV – Artigo aprovado!!**

Particpei desse evento motivada com o tema em um Congresso na FGV. Eu estava refletindo sobre a possibilidade de ter um artigo aprovado, e que eu pudesse falar sobre interseccionalidade. E para compor este projeto, compus com uma amiga-irmã, que me ajudou, e estávamos juntas. O artigo foi aprovado! Fui direto para a apresentação, minha amiga não chegou... desesperada com sua ausência e deslocada, apresentei sozinha, não era como eu havia antecipado. Mas, em uma sessão aberta, comecei a reconhecer as pessoas que de alguma forma eu já havia me encontrado antes. Eu havia visto que elas estariam no Congresso. Foi uma mesa acolhedora.

No dia seguinte, em outra mesa, com muitos detalhes: eram muito diferentes de outros Congressos em que eu participei. Uma mesa composta por mulheres, várias mulheres, e em vários momentos da carreira. Tive a oportunidade de falar com a Silvia, e conversando com ela,



São Paulo 27 a 29 de julho 2022.

entendi que ela poderia me orientar em uma perspectiva de projeto, no embrião do que se tornou essa minha pesquisa de pós-doutoramento.

3. Conclusão - Participação, voz, escuta e novos projetos

Vários projetos vieram, junto com acolhimento, tempo e escuta, que inclusive faz parte e se entrelaçam nessa pesquisa, viabilizando voz e amplificando os sons de todas, todos e todes que eu gostaria que soubessem que também têm essa possibilidade. Dessas interações nasceram diferentes projetos, projetos que foram submetidos e com contaram com aprovação: (1) da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, o projeto "A importância da educação financeira e a igualdade de gênero, para o trabalho decente e crescimento econômico perene – ODS – Cartilha"; (2) para a Sempre FEA, o projeto para mulheres empreendedoras Poder de Escolha – Escolha Empreender; (3) com recursos próprios e trabalho voluntário, o projeto de extensão Fala Generas, para botar a boca no trombone em temas que estão distantes dos currículos dos cursos de contabilidade e de negócios; (4) em uma colaboração internacional, os Webinários da rede QRCA; (5) novamente em edital da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão o projeto Práticas Educacionais Queer, decolonial e humanista em áreas de negócio.

Os resultados das submissões para a Sempre FEA, os projetos: Poder de Escolha – Escolha Empreender – 2.0; Fala Generas e Webinários QRCA; Práticas Educacionais Queer, decolonial e humanista em áreas de negócio, foram aprovados, um impacto nos desenvolvimentos de viabilizar voz e resistência, causando um ruído de grupos não hegemônicos, nos grupos pré-estabelecidos e privilegiados dentro dos ambientes acadêmicos nas áreas de negócio, principalmente a contabilidade e administração.

Os projetos se relacionam ao processo de escuta e de viabilizar o ecoar de vozes, com comunicação dialógica e escuta ativas, nos locais sociais com os quais que eu mantenho contatos e posições, de forma a romper barreiras que impeçam a chegada e trânsito da maioria de nós, que não nos reconhece(ía)mos nestes espaços, por não conseguirmos ocupar esses espaços, que são considerados de poder, e cujos bloqueios precisam ser rompidos, com a construção de pontes, e a ocupação por todas, todes e todos.

Referências

Assis, J.F. (2008) **Mulheres Negras**: como se dá a inserção destas trabalhadoras no espaço empresarial: Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2008. (Dissertação de Mestrado). Disponível em <http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/Mulheres_negras_um_ensaio_de_como_se_da_a_insercao_destas_trabalhadoras_no_mundo_empresarial.pdf>

Akotirene, C. (2018). **O que é Interseccionalidade?** Feminismos Plurais. Grupo Letramento.

Barbosa, R. P.; Dourado, J. R. S. (2019). **A interseccionalidade nas organizações** – Relato de Experiência Acadêmica e Organizacional. Gender, Work and Organization: a South American Workshop. 21 de novembro de 2019 e 23 de novembro de 2019. FGV. Disponível em <<https://eaesp.fgv.br/centros/nucleo-estudos-organizacoes-e-pessoas/projetos/gender-work-and-organization-south-american-workshop>>.



São Paulo 27 a 29 de julho 2022.

Bento, M. A. S. (2006) **Raça e gênero no Mercado de trabalho**. In: ROCHA, Maria Isabel Baltar da. (org.). Trabalho e gênero. Editora 34.

Bourdieu, P. A. (1999). **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Gonzalez, L. (1988). **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988a.

Gonzalez, L. (1988). **Por um feminismo afrolatinoamericano**. Revista Isis Internacional, Santiago, v. 9, p. 133-141.

Gonzalez, L. (1983). **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. ANPOCS, CAXAMBU.

Gonzalez, L. (1982). **A mulher Negra na Sociedade Brasileira**. In. LUZ, Madel T (Org.). O Lugar da Mulher: Estudos sobre a Condição Feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Gottschalk, R. (2019). **O Silenciamento como problema epistemológico**. Dissertação de Mestrado Filosofia. p. 102.

Hooks. B. (2019). **Intelectuais Negras**. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035/>

IBGE (2017). História. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/carmo-da-mata/historico>. Acesso em 25/02/2022.

Saffioti, H. (1976). **A mulher na sociedade de classes: mito ou realidade**. Petrópolis: Vozes.

Scott, J. W. (1995) **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez.